

Banco americano começa a reagir à moratória

Arquivo — 25.3.87

Sílvia Ferraz
Correspondente

Washington — A reação dos bancos americanos à moratória brasileira começou praticamente ontem, quando um grande banco de Nova Iorque, o **Morgan Guarantee Trust**, decidiu não renovar suas linhas de crédito para o financiamento do mercado interbancário, instruindo os bancos brasileiros que as detinham a transformá-las em depósitos no **overnight**. Com isso, estes recursos ficam exigíveis a cada 24 horas. "Consideramos isso uma malcriação e o responsável pela decisão deve ter acordado com o fígado ruim", reagiu uma alta fonte brasileira.

O Bank of America e o Morgan Bank, dois dos maiores bancos americanos, colocaram os créditos brasileiros em "regime de caixa", isto é, passaram a contabilizar os juros devidos como lucro só após o seu efetivo recebimento. Anteriormente, estes bancos lançavam os juros como lucro no dia do vencimento, sem aguardar o pagamento, pressupondo a ausência de problemas. Outros bancos americanos estão cogitando estender este tratamento aos empréstimos brasileiros. Isso pode ser interpretado como um rebaixamento do Brasil à categoria dos devedores e, também, como uma medida realista, já que o governo brasileiro anunciou a suspensão dos pagamentos.

Os dois incidentes não chegaram, no entanto, a perturbar o mercado. "Este foi um 1º de abril calmo", disse a mesma fonte. De fato, a anunciada viagem do presidente do Banco Central, Francisco Gros, a Nova Iorque, no próximo dia 10, para discutir com o comitê dos bancos credores o novo plano econômico brasileiro, teve o poder de anestesiá-los possíveis retaliações. A presença do ministro Dilson Funaro em Nova Iorque, a partir da próxima terça-feira, quando se encontrará com banqueiros fora de sua agenda oficial, igualmente está servindo para conter os bancos.

Outro ingrediente importante para desanuviar um 1º de abril que se esperava carregado partiu do gabinete de Bill Rhodes, vice-presidente do Citibank e coordenador do comitê, que divulgou ontem à tarde o novo calendário de mais uma

etapa de conversações sobre a dívida brasileira. O anúncio de Rhodes, acreditam alguns analistas, fez com que pelo menos o primeiro dia do vencimento das linhas de financiamento aos projetos 3 e 4 fosse relativamente calmo, com retiradas abaixo do esperado. "O mercado está tranqüilo", disse uma alta fonte de um grande banco americano. "Só ocorreram chuvas esparsas", declarou uma fonte de um banco brasileiro, indicando que apenas poucos bancos pediram seu dinheiro de volta.

Nesta primeira semana de abril, vence cerca de 1 bilhão de dólares em financiamentos ao mercado interbancário e às exportações. As medidas anunciadas pelo governo brasileiro de estímulo às exportações e anistia fiscal à fuga de capitais deram alento ao meio financeiro, informou uma fonte bancária de Nova Iorque. "O trem está voltando aos trilhos", comentou um banqueiro.

Canadenses tranqüilos

O Banco de Montreal, detentor de 1,5 bilhão de dólares da dívida brasileira, anunciou que renovará suas linhas de crédito, aguardando o processo de renegociação com as autoridades brasileiras. Os bancos canadenses, que no total detêm 5,3 bilhões de dólares do bolo da dívida, deverão seguir o mesmo caminho. Os bancos pequenos e médios americanos poderão, no entanto, continuar na disposição de se retirar do **imbroglio** o quanto antes.

Isso porque, o que mais os preocupa é a obrigatoriedade de lançar em seus balanços como prejuízos os empréstimos feitos ao Brasil, caso as autoridades brasileiras continuem a se manter em moratória. Os bancos grandes estão optando por lançar a cada trimestre uma fatia dos empréstimos na conta prejuízo, a fim de evitar no último trimestre do ano um impacto desfavorável em seu balanço, caso não se chegue a um acordo com o Brasil. Estes prejuízos, se diluídos ao longo do ano, poderão refrear qualquer tendência baixista nas ações desses bancos nas Bolsas de Valores.

"A existência de um plano econômico e um calendário de discussões com as autoridades brasileiras já é um bom início", comentou um banqueiro.



Gros se reunirá dia 10 com comitê de bancos credores